

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - nº 15 - 9 a 15 de outubro de 2017



UFRRJ

Amigos da saúde

Projeto da UFRRJ utiliza
animais em terapia para
crianças

P.5



Entrevista: Max Oliveira

Doutorando da Rural é
finalista em concurso de
comunicação científica

P.3

Ilhas de calor

Professor usa imagens de
satélite para acompanhar
temperaturas do solo na
região metropolitana do Rio

P.6

A aproximação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, agendada para o período de 23 a 29 de outubro, traz a oportunidade de ampliação do debate crítico e da mobilização da comunidade acadêmica na luta contra o desmonte da ciência no Brasil e no mundo.

A humanidade se defronta, nessas primeiras décadas de um novo milênio, com desafios colossais, cujo enfrentamento é inconcebível sem a crescente contribuição da pesquisa científica. Destruição de ecossistemas e alterações climáticas; epidemias globais, fome e terrorismo; demandas alimentares e energéticas são alguns dos fatores que representam, em muitos casos, ameaças à própria sobrevivência da espécie e do planeta.

Na configuração das estruturas globais de poder, a capacidade de geração de conhecimentos e aplicações inovadoras coloca-se, cada vez mais, como condição não apenas para o desenvolvimento, mas para a própria soberania dos estados nacionais.

Entretanto, ao longo dos últimos séculos, jamais a ciência enfrentou ataques tão ferozes nas esferas internacional e nacional.

A eleição, na mais poderosa nação do planeta, de um presidente que rejeita abertamente diversas teses científicas consagradas, tais como o aquecimento global, impulsionou a difusão de uma ampla gama de noções obscurantistas, a mais notória delas sendo a negação da forma esférica do planeta Terra. Este exemplo bizarro serve como uma pequena indicação de que, num ambiente de histeria reacionária, séculos de progresso científico podem ser colocados em risco num curto espaço de tempo.

No Brasil, para além dos drásticos cortes orçamentários das agências de fomento, universidades e institutos de pesquisa, crescem os ataques contra a liberdade intelectual e os abusos de autoridades cometidos contra acadêmicos, que recentemente produziram sua mais trágica vítima na pessoa do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Carlos Cancellier.

Paralelamente, ideólogos a serviço de interesses contrários ao desenvolvimento nacional voltam, após duas décadas, a defender, de forma aberta e ostensiva, a privatização das universidades públicas, maiores centros nacionais de produção científica, e a redução do país à condição de importador da produção tecnológica gerada nos países capitalistas centrais.

Mais do que nunca, é necessário integrar a elevação constante da qualidade e do impacto social da nossa produção científica com a luta em defesa das políticas públicas voltadas à elevação da qualidade de vida da nossa população e contra as desigualdades sociais que assolam o nosso país. ■

Opinião

Investigado, difamado, exilado e sepultado (*)

Rogério Christofoletti, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A morte trágica e repentina do reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier de Olivo, é o resultado mais visível desses tempos terríveis que vivemos. Dias de julgamentos e condenações apressadas. Dias de espetacularização, de soberba e vaidade. Dias odiosos e punitivos. Dias em que somos tragados para um turbilhão que massacra reputações e que pouco se preocupa com as consequências humanas e sociais dos nossos atos. Os acontecimentos das últimas três semanas apontam para diversos erros e exageros cometidos pelas autoridades judiciais e policiais e pela mídia. Analisar o noticiário e refletir sobre seu papel na construção de uma opinião pública é uma maneira de tentar evitar novos linchamentos sociais.

[...] Em mais de uma ocasião, disse em sala de aula que nenhuma notícia seria tão amplamente disseminada sobre Cancellier depois do festival que cercou sua prisão em 14 de setembro. Eu me referia a um comportamento frequente no jornalismo de priorizar a denúncia ao desmentido, a acusação à retificação. Infelizmente, eu estava errado, e a notícia de sua morte não apenas pegou a todos de surpresa como também escancarou um processo bárbaro de perseguição que ainda não cessou.

Em dezoito dias apenas, acompanhamos a prisão, a negação dos crimes, a soltura, o afastamento do cargo, o isolamento e o pior final. Vimos também a disseminação da suspeita com um grau muito maior de empenho do que propriamente a disposição de se refinar a verdade, a fidelidade aos fatos. Denúncias motivaram a Polícia Federal a iniciar uma investigação na UFSC com a suposição de que recursos públicos teriam sido desviados em um programa educacional. O reitor Cancellier e outras pessoas chegaram a ser presos sob a acusação de que estariam dificultando o trabalho de apuração policial ou estariam envolvidos na possível fraude. A exemplo de outras vezes, as ações da Polícia Federal tiveram ampla cobertura da imprensa, ampliando o círculo de desconfiança sobre os acusados. A pressa na apuração aliada à negativa por parte da PF de dar mais informações provocou um vendaval sobre a reputação das pessoas envolvidas.

[...] As informações eram muito desencontradas e havia lacunas na história. Isso levou a um primeiro erro fatal na cobertura: como rastilho de pólvora, a informação de que havia um desvio de 80 milhões de reais agitou as redes sociais e levou inclusive um grupo de estudantes a protestar na reitoria. O jornal 'Notícias do Dia' cobriu a manifestação e chegou a mencionar a estimativa policial do rombo, R\$ 20 milhões, informação ainda não totalmente sustentada em provas ou perícias sobre o caso. Isso mesmo! Nem a PF sabe ainda quanto teria sido desviado... [...]

Em praticamente todas as emissoras de TV, jornais e sites da imprensa catarinense, o reitor Cancellier teve seu nome divulgado e imagem exposta, vinculando-o à investigação. Na edição de 15 de setembro, o 'Diário Catarinense' reservou amplo espaço em sua primeira página com a manchete "A operação policial que abalou a UFSC". Em uma das chamadas, mencionou a prisão temporária do reitor, mas não chegou a citar seu nome ou fotografia. O concorrente 'Notícias do Dia' não teve o mesmo cuidado. Sua manchete não dá margem para dúvida, o crime aconteceu: "Fraude com recursos do ensino a distância". [...]

A cobertura dos dias seguintes tentou se reequilibrar, e não se pode negar que houve alguns esforços para que o mais visível acusado se defendesse. Entrevistas com o reitor Cancellier foram publicadas, mas o estrago à sua reputação estava feito e a imagem da própria UFSC bastante abalada.

A difamação é um processo rápido, insidioso e necrosante. Quando um conjunto de suspeitas recai sobre uma pessoa ou organização e quando essas suposições ganham caráter público na mídia, a potencialidade do dano sobre a imagem é avassaladora. Não há controle para deter a avalanche de pré-julgamentos e de condenações apressadas. Nas redes sociais, o festival de linchamento moral de Cancellier já estava acontecendo. Não só isso. A UFSC, seus docentes, técnicos e alunos foram motivo de comentários de escárnio, intolerância e ódio, abrindo espaço para críticas à educação pública e gratuita e ao papel da universidade na sociedade.

De forma majoritária, a presunção de inocência foi simplesmente deixada de lado. E Luiz Carlos Cancellier de Olivo, mesmo depois de libertado por ordem judicial, colheu os frutos estragados da intensa exposição de seu nome e imagem a uma suspeita de crime. Afastado de suas funções, não podia nem frequentar o seu local de trabalho. Sob observação e escrutínio público e policial, ficou isolado. Queixou-se na semana passada em artigo publicado em 'O Globo', dizendo que se sentia exilado. Negou que tivesse atrapalhado as investigações, mas a turba sedenta por "justiça" preferiu sua condição de réu. Percebam: ele foi julgado e condenado antes mesmo de ter sido completamente investigado. [...]

Como disse antes, a difamação é um processo rápido, insidioso e necrosante. Ela se espalha como um vírus, perverte, corrompe, esgarça e destrói os tecidos que ajudam a formar um nome, uma imagem, o reconhecimento de uma personalidade. O colunista do 'Notícias do Dia', Carlos Damião, corajosamente, pergunta quem matou o reitor da UFSC. Seu texto expressa uma indignação e uma fúria que precisam alimentar a sociedade e as redações a buscarem formas para reencontrar respostas. Que essa disposição para responder não se deixe alimentar por um tom justiceiro, de assassinato de reputações, de linchamento social e de condenação prévia.

(*) Versão reduzida do texto publicado originalmente em 3 de outubro, no site 'Objethos – Observatório da Ética Jornalística'. Leia na íntegra em <https://goo.gl/cshoZD>

Criatividade para divulgar ciência

Doutorando da Rural alia conteúdo de história às artes cênicas

Michelle Carneiro



Max Oliveira. Pesquisador disputa prêmio de melhor Science Slammer 2017 em concurso promovido por EURAXESS Brasil

Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ, Max Fabiano Rodrigues de Oliveira, é um dos finalistas do concurso de comunicação científica EURAXESS Science Slam 2017. Foram selecionados cinco pesquisadores dentre mais de 100 candidaturas recebidas de 11 estados do Brasil. Os finalistas são desafiados a expor sua pesquisa de maneira criativa, em até seis minutos, para um público de não especialistas. Historiador e ator, Max Oliveira apresentará em uma cena teatral sua pesquisa de doutorado sobre a cidade de Itaguaí.

A indicação para a final do EURAXESS Science Slam 2017 reafirma sua escolha de unir suas diferentes formações profissionais?

Max Oliveira – É a primeira oportunidade real de unir duas áreas a que me dedico há muitos anos e que precisam de um diálogo mais aprofundado. Eu tenho vontade de trabalhar o conteúdo de história nas escolas, associado às artes, ao teatro e à tecnologia. Hoje eu também dou aulas de Scratch do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que são aulas de programação para crianças. Fui selecionado para fazer uma apresentação do meu trabalho na Conferência Scratch Day Brasil 2017, que acontecerá na Universidade de São Paulo (USP). Ainda preciso de dinheiro para a viagem. Fazer doutorado sem bolsa é extremamente complicado.

Qual a importância de encontrar maneiras mais criativas

para divulgar as pesquisas desenvolvidas na Universidade?

M.O. – Eu acredito que pode ser uma forma de você atrair mais pessoas e de áreas diferentes, para se interessarem pelas pesquisas desenvolvidas nas universidades. Falamos muito que a academia está isolada da sociedade e isso realmente é uma realidade. Como mudar isso eu não sei, mas formas criativas de apresentar as pesquisas podem ser um caminho. Por que não usar a arte como meio para falar de sua pesquisa? E não falo só da academia. Eu fiz na graduação licenciatura plena. Então, por que não dar aulas de história unindo o elemento fundamental da arte, que é a criatividade?

Os pesquisadores ainda enfrentam barreiras para aproximar as artes da ciência?

M.O. - Eu poderia falar que existe algum preconceito e talvez realmente haja. Mas, ao menos, no meu caso, as pessoas têm se

mostrado bastante receptivas. Esses dias, um colega também pesquisador me mandou uma mensagem dizendo que eu estava dando um exemplo do que pode ser uma História Pública. Eu não pensei nisso enquanto escrevia o roteiro da cena, apenas queria poder mostrar a minha pesquisa de uma forma diferente, e que pudesse prender a atenção dos espectadores.

No doutorado você desenvolve pesquisa sobre a cidade de Itaguaí. No que consiste sua tese?

M.O. – A minha pesquisa sobre Itaguaí começou ainda no mestrado. Eu analisei a estrutura agrária da cidade na segunda metade do século XIX, e elementos como a crise do café, da escravidão e as epidemias do período acabaram se destacando. No doutorado, assim como no mestrado, sou orientado pelo professor Álvaro Pereira do Nascimento. Trabalho com um desdobramento do que foram os resultados obtidos com o mestrado, em que muitas questões ficaram em aberto. Por exemplo: Por que Itaguaí tem uma das menores concentrações de terras da região? Eu acho que o fato de suas terras serem forrais da Fazenda de Santa Cruz seja uma boa hipótese.

Você é morador da cidade de Itaguaí? Como se deu a escolha deste tema?

M.O. – Não moro em Itaguaí. A escolha da cidade foi devido à grande quantidade de inventários *post mortem* que existem para aquela localidade. Quando comecei no mestrado, havia poucas pesquisas sobre a região. Hoje, o PET História da Rural, coordenado pela professora Fabiane Popinigis, desenvolve ótimas pesquisas sobre Itaguaí.

Qual sua expectativa para a final do EURAXESS Science Slam 2017?

M.O. – Eu estou muito feliz com a oportunidade de poder apresentar minha pesquisa de doutorado em formato de cena teatral. Será um grande desafio e estou animado. Eu penso que é mostrar um projeto de vida. Estudo história e teatro há muitos anos e agora vou poder unir isso e apresentar. Eu também quero poder trabalhar isso nas escolas, dentro e fora das salas de aulas.

A final do concurso acontecerá no dia 25 de outubro, de 19 às 22h, no Consulado da Itália, no Rio de Janeiro. Para fazer parte do público da final e votar em Max Oliveira como melhor Science Slammer 2017, inscreva-se no site <https://goo.gl/9uDsS7>

Fernanda Barbosa



Tradição. O reitor Ricardo Berbara (ao centro) esteve presente nas festividades do 50º aniversário do curso, o terceiro a ser criado no país

50 anos do curso de Engenharia Florestal da UFRRJ

Uma história de sucesso: nota máxima no Enade, a melhor revista científica na área e muitos egressos com carreiras bem-sucedidas no Brasil e no exterior

Fernanda Barbosa

Ministério do Meio Ambiente, Ibama, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Cultura (FAO), Banco Mundial – os egressos do tradicional curso de Engenharia Florestal da UFRRJ, ao longo dos últimos 50 anos, vêm ocupando cargos e construindo carreiras sólidas em instituições de renome tanto no Brasil quanto no exterior. Uma prova irrefutável da excelência dos bancos de estudo que os formaram.

Terceiro curso de Engenharia Florestal criado no Brasil, com início em 1967, a UFRRJ já formou 1.623 engenheiros florestais. Atualmente, com cerca de 400 alunos matriculados na graduação e 74 nos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, a Engenharia Florestal da UFRRJ é sinônimo de ensino de qualidade: nas provas do último Enade, realizado em 2014, os formandos obtiveram nota máxima.

Segundo o diretor do Instituto de Florestas (IF), professor João Vicente Latorraca, devido à formação consistente e ao ambiente característico da Rural, os egressos não costumam encontrar dificuldades na adaptação a diferentes regiões, culturas e tradições. Por isso há tantos engenheiros florestais formados

pela UFRRJ atuando em todas as regiões do país. Ele destaca ainda a qualidade dos corpos docente e discente da Rural, e lembra: “Temos também a melhor revista científica do Brasil na área da Ciência Florestal”.

Latorraca explica também que são poucos os cursos de Engenharia Florestal no país (atualmente são 71 por todo o Brasil) organizados como instituto, permitindo que se tenha uma estrutura mais completa, como por exemplo, um departamento exclusivo sobre Conservação da Natureza, outro de Produtos Florestais e de Silvicultura.

“Embora tenhamos uma infraestrutura razoável, é preciso melhorá-la ainda, especialmente fatores que afetam o conceito do curso nos índices de avaliação do Inep. Essa realidade depende muito do apoio da Administração

Central para que possamos mudá-la”, conclui o diretor.

50 anos

Nas festividades dos 50 anos do curso, que ocorreram entre os dias 21 e 23 de setembro, egressos que obtiveram relevância profissional em suas respectivas áreas de atuação estiveram presentes em palestras e mesas-redondas, relatando suas experiências aos estudantes. É o caso do engenheiro José Carlos Carvalho, formado em 1975, ex-ministro do Meio Ambiente e também ex-diretor e presidente do Ibama, que ministrou a palestra “Participação do Engenheiro Florestal na esfera Pública e Política do país”.

Sebastião do Amaral Machado também esteve presente no evento. Professor sênior da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e consultor da Fundação Araucária, ele se formou na segunda turma de engenheiros florestais do país e contou um pouco da história da Engenharia Florestal no Brasil.

“O primeiro curso de Engenharia Florestal era para ser aqui na UFRRJ, mas por motivos

políticos da época, o primeiro se instalou em Viçosa e depois foi transferido para Curitiba, no Paraná”, explica Sebastião, acrescentando que a dificuldade dos formandos, na época, era a inexistência de postos de trabalho para um curso novo. “Havia demanda de mercado, mas ninguém sabia que existia esse tipo de formação”.

Perguntado sobre o mercado para o engenheiro florestal, o professor Machado explica que a formação atual está muito mais completa, por isso os profissionais são aproveitados também em áreas como a de meio ambiente. No entanto, a dificuldade atual, é o número elevado de cursos nessa área, que forma cerca de 1.500 profissionais por ano, número difícil de ser absorvido com rapidez pelo mercado. O que vai diferenciar, conforme explica o professor, é a contínua atualização do profissional: “Na minha época, a ferramenta mais moderna era o machado; então a profissão vem mudando muito e é preciso acompanhar”, conclui. ■

Divulgação



Alegria. Equipe do SOS Animal e os mascotes usados em terapia com crianças

“

No futuro, eu pretendo trazer essas crianças à Rural, fazer um passeio pelo câmpus de Seropédica e apresentar o abrigo onde esses animais estão. E, claro, fazer essas atividades acontecerem no nosso espaço.

Rosana Colatino, coordenadora do SOS Animal

Amigos dos bichos

Terapia utiliza animais para conscientização de crianças em Seropédica

Beatriz Rodrigues

Eles são carinhosos, animados e fazem a alegria da criança. Eles precisam de um lar e de pessoas que saibam cuidar e amá-los. Com isso, nada melhor que ajudar os animais abandonados da região e conscientizar as crianças quanto ao meio ambiente.

O projeto SOS Animal foi criado com este objetivo. Ele é responsável pela captação, tratamento, castração e doação de cães e gatos abandonados do câmpus da UFRRJ em Seropédica. Um dos programas oferecidos pelo grupo é a Terapia Assistida por Animais (TAA).

A ideia de criação partiu, principalmente, da importância da inserção da educação ambiental no município de Seropédica, para que crianças da Rede Pública de Ensino da cidade tivessem acesso às informações relacionadas ao bem-estar animal e suas responsabilidades.

Além disso, a terapia pode ser empregada em programas destinados a diversos tipos de situações, como pessoas com dificuldades físicas, mentais e emocionais.

“Vários autores descrevem os

efeitos positivos para os diferentes tipos de pacientes submetidos ao tratamento, como: melhora da capacidade motora, sensorial, cognitiva, comunicacional; melhora do sistema imunológico, da interação social, da aprendizagem, das relações interpessoais; entre outros”, explica Rosana Colatino, coordenadora do projeto e professora do Instituto de Zootecnia (IZ).

Além da professora Rosana, está à frente do projeto, como coordenadora, a médica veterinária Juliana Strapasson. O projeto também conta com a ajuda e participação da psicóloga Ângela Barboza, e da assistente social Fabíola Espolador, ambas vinculadas à prefeitura de Seropédica.

A terapia

A terapia acontece em parceria com o Centro de Atenção Psi-

cossocial Infante Juvenil (CAPSi) João e Maria, no município de Seropédica. A situação ainda é precária, mas não falta força de vontade de fazer acontecer.

“No futuro, eu pretendo trazer essas crianças à Rural, fazer um passeio pelo câmpus de Seropédica e apresentar o abrigo onde esses animais estão. E, claro, fazer essas atividades acontecerem no nosso espaço”, explica Rosana.

É no cronograma apresentado pelo CAPSi que o SOS Animal se faz presente. As oficinas acontecem uma vez por mês, nas dependências do centro. E a TAA, oferecida pelo projeto, é uma das dinâmicas cujas crianças vinculadas realizam. Eles também participam de atividades lúdicas, de escrita, além de atividades psicológicas.

Uma marca do projeto é a participação de alunos de diversos cursos da Universidade. Eles participam de atividades desenvolvidas pela TAA e recebem apoio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes), como o

fornecimento de bolsas de apoio técnico.

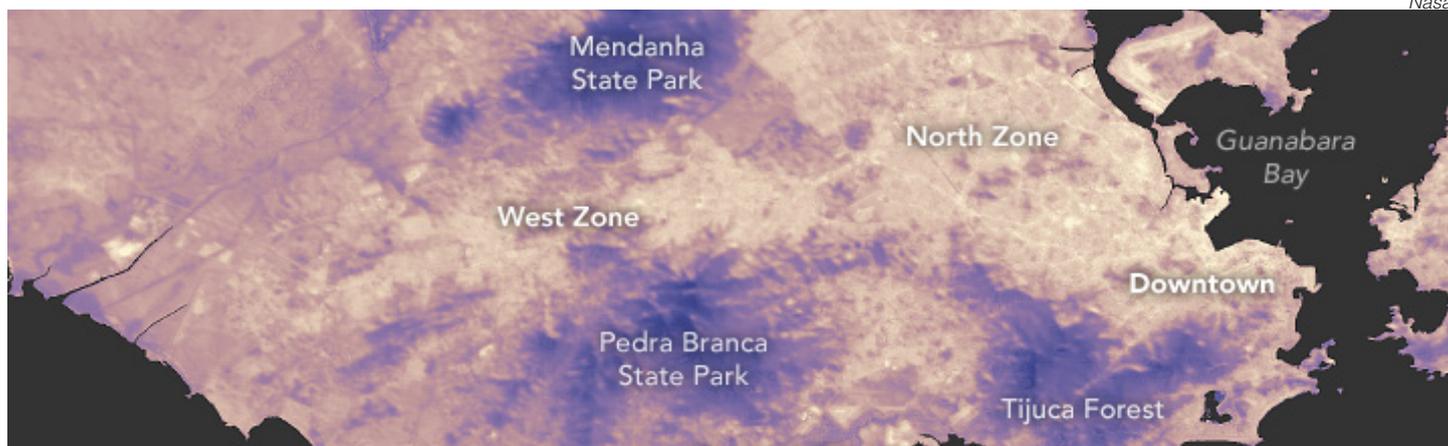
Em meio a atividades lúdicas, os estagiários interagem diretamente com as crianças e desenvolvem atividades didáticas simples, como ensinar a desenhar e usar os lápis de cera. Nada melhor que criar lembranças dos momentos em que passaram junto com os animais do abrigo.

“Algumas crianças não têm a firmeza ainda para desenhar. Então ajudamos na hora de pintar. E isso é importante porque elas levam para casa os seus desenhos e mostram para os seus pais o que vivenciaram”, comenta Rosana.

Serviço

Para saber as datas de oficinas e como participar do projeto, entre em contato pelo e-mail rosanacolatino@gmail.com ou visite o Departamento de Produção Animal, no Instituto de Zootecnia. Para conhecer o CAPSi, basta fazer uma visita à Rua Euclides Pereira, número 6, Fazenda Caxias, Seropédica. ■

Nasa



Do espaço. Na imagem de satélite, áreas florestais apresentam temperaturas mais amenas

Rio 70°C

Professor da UFRRJ utiliza imagens da Nasa para avaliar fenômeno das ‘ilhas de calor’ na região metropolitana do estado

João Henrique Oliveira

“Cariocas não gostam de dias nublados”, diz a letra da música. De fato, os moradores da capital ou da região metropolitana do Rio de Janeiro estão acostumados a conviver com muito sol e calor – até mesmo no inverno, que neste ano registrou 38,9° Celsius (°C), em 15 de setembro, no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste da capital. Mas a preferência pelas temperaturas mais elevadas pode ser posta em xeque quando enfrentamos o desconforto térmico nas chamadas “ilhas de calor”, áreas geralmente mais aquecidas por conta da densidade urbana.

O professor Andrews Lucena, do Departamento de Geografia (DeGeo/UFRRJ), investiga esse fenômeno há duas décadas, desde a época de sua graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele utiliza imagens de satélite da Nasa, agência espacial norte-americana, para acompanhar a evolução das temperaturas dos solos da região metropolitana do Rio de Janeiro, de 1984 até hoje. Seu estudo constatou que as áreas mais quentes são aquelas onde houve retirada de vegetação ou utilização de materiais de construção que retêm muita energia.

“Eu trabalho com os dados da superfície, não com os do ar”, ressaltou o pesquisador. “Os satélites me indicam a temperatura do solo. Contudo, esta também é determinante para a elevação da sensação térmica, contribuindo para a criação de cinturões de calor na região metropolitana.”

Lucena identificou pontos em que a temperatura da superfície chega aos 60°C, ou até mais. “Dependendo do tipo de material

utilizado, o calor aumenta bastante. Nas favelas, por exemplo, onde é comum o uso de telhas de amianto, um aparelho infravermelho pode medir de 70 a 75°C. Isso, conseqüentemente, vai elevar a sensação térmica nesses locais”, disse o pesquisador.

Calor se espalhando

Uma das observações do professor foi que, nos últimos dez anos, houve ampliação das manchas de calor, atingindo também os locais com índice mais baixo de urbanização. Esse é o caso de Seropédica, como ele explica: “O município mostra um setor muito aquecido, não necessariamente por causa da área urbana, mas devido à presença dos areais. Assim, a gente nem pode usar o conceito clássico de ‘ilha de calor’ do século passado, que estava ligado a regiões urbanizadas”.

Em seu estudo, o pesquisador utiliza o termo “ilha de calor polinucleada” para dar conta das variações que encontra num mesmo território. No município do Rio, por exemplo, as regiões

mais amenas são as de morros e florestas – como nos maciços da Tijuca, Pedra Branca e Mendanha. Espaços de parques e de áreas verdes (como o Jardim Zoológico, na Zona Norte, ou o Campo de Santana, no Centro) também contribuem para aliviar o calor no entorno. Nesses pontos, a temperatura média da superfície fica em torno de 30°C, o que não é alto para o solo.

Por outro lado, há verdadeiros caldeirões na capital e no Grande Rio. Entre eles, bairros da Zona Norte como Olaria e Bonsucesso; localidades ao redor da Avenida Brasil; e, na Zona Oeste, os centros de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. Na Baixada, termômetros ficam em alta em Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita e Belford Roxo. Em São Gonçalo, a vida também não é fácil no verão, com a maioria dos bairros sofrendo com as altas temperaturas.

De acordo com Lucena, as manchas de calor coincidem justamente com a ausência de cobertura vegetal, que é retirada para a construção de grandes obras ou estradas. No caso do Rio, o satélite indica setores próximos às grandes rodovias: Linha Amarela, Via Light, Arco Metropolitano, entre outros. A presença de grandes indústrias também faz subir os termômetros. Enquadram-se neste caso o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), em Itaboraí;

a siderúrgica ThyssenKrupp CSA (vendida recentemente para a empresa Ternium), no bairro de Santa Cruz; e o Porto de Itaguaí.

Pode piorar

Segundo Lucena, o fenômeno das ilhas de calor pode se espalhar mais ainda se mantivermos o atual ritmo de degradação das áreas verdes, além do uso de materiais que acumulam muita energia. Então, como amenizar isso?

“Devemos aumentar ou manter as áreas verdes já existentes”, defende o docente. “São elas que vão ‘filtrar o calor’, vamos dizer assim. Uma segunda medida é alterar o tipo de pavimento utilizado. Que ele seja menos escuro, tenha maior condutividade térmica e menos absorção de energia.”

Por utilizar as imagens da Nasa, o trabalho do professor da Rural chamou a atenção da agência espacial, que o convidou para publicar um artigo (leia em <https://goo.gl/JmjRo>). “Queriam que eu fizesse um panorama do clima urbano do Rio de Janeiro nos últimos anos”, explicou Lucena, que também lançou um site (www.climatologia.com.br) para divulgar os resultados da pesquisa. Por enquanto, estão disponíveis apenas os dados do município do Rio. “Em breve, as outras cidades serão incluídas”, garantiu o docente. ■



Betritz Rodrigues

Premiação. No encerramento da RAIC, 38 trabalhos receberam menção honrosa

“

A RAIC é uma ótima oportunidade de incentivo ao futuro pesquisador. Gostei de ter participado da Jornada de Iniciação Científica e pretendo seguir priorizando o universo da pesquisa.

Ana Carolina Miranda, aluna do 5º período de Geografia (IM)

Vocação para a ciência

RAIC mobiliza estudantes de graduação nos três câmpus da Rural

Ricardo Portugal (*)

“A Construção da Ciência e a Transformação Social” foi o tema da V Reunião Anual de Iniciação Científica (RAIC-2017), que inclui a XXVII Jornada de Iniciação Científica e a V Semana de Pesquisa, Tecnologia e Inovação da UFRRJ. Na abertura oficial, realizada no câmpus Seropédica, o professor Daniel Hutto, da University of Wollongong, da Austrália, proferiu a palestra “Revolutionising Cognitive Science”.

De 18 a 28 de setembro, estudantes de graduação dos câmpus Seropédica e Nova Iguaçu expuseram trabalhos de pesquisa sobre as mais diversas áreas do conhecimento, no campo científico e tecnológico. Em Três Rios, as apresentações aconteceram nos dias 4 e 5 de setembro. Ao final do evento, 38 trabalhos receberam menção honrosa entre os mais de 800 que foram apresentados nesta edição da RAIC. A relação dos melhores trabalhos está disponível em: <https://goo.gl/nLt847>

Cada estudante que participa da jornada de iniciação científica recebe a orientação de um professor na elaboração do projeto de pesquisa e sua apresentação deve ser feita sob a modalidade oral ou sob o formato de pôsteres. A avaliação dos trabalhos é feita por uma banca composta por dois professores da UFRRJ em que pelo menos um deles seja vinculado à grande área do

conhecimento abordada na respectiva apresentação.

Os caminhos da pesquisa científica

Ana Carolina Lopes de Miranda, aluna do 5º período de Geografia no Instituto Multidisciplinar (IM), apresentou o trabalho “Mapeamento espacial e territorial de comunidades evangélicas no Rio de Janeiro pelas mãos da cartografia”, sob a orientação da professora Ana Maria Marques. “A RAIC é uma ótima oportunidade de incentivo ao futuro pesquisador, pois no curso de Licenciatura há um foco muito forte na questão de se tornar um professor, mas sem ênfase à pesquisa. Gostei de ter participado da Jornada de Iniciação Científica e pretendo seguir priorizando o universo da pesquisa”, disse Ana Carolina.

Lara de Araújo Luzente, aluna do 5º período de Geografia do IM, apresentou o trabalho “Agricultura no espaço urbano periférico: uma análise a partir do ecofeminismo”, com a supervisão da professora Anita Loureiro. “Minha participação na RAIC ajuda a dar visibilidade para a questão dos produtos agrícolas orgânicos, ao mesmo tempo em que faz uma reflexão crítica sobre o cotidiano das mulheres envolvidas com a produção”, afirma Lara. Além de professora, ela pretende também ser uma pesquisadora no campo da Geografia Agrária, estudando a vida e a atuação do campesinato no país.

Maurício Rocha de Brito, do curso de Engenharia Química, apresentou o trabalho “Síntese de novos derivados da classe arilbenzimidazol”, com orientação do professor Cláudio Eduardo Rodrigues dos Santos, do Departamento de Química. Segundo o estudante, que pesquisa a doença infecciosa causada pelo parasita Leishmania, os tratamentos disponíveis para a leishmaniose são feitos por medicamentos muito tóxicos. O composto apresentado por Maurício faz parte da classe benzimidazol e além de agir contra a Leishmania, também possui atividades antivirais e antibacterianas.

A aluna de Agronomia, Virgínia Scheidegger, apresentou o

trabalho “A Inclusão de Crianças Especiais na Horta Escolar”, com orientação do professor Wellington Mary. O projeto foi desenvolvido com os alunos da classe especial da Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa, em Seropédica, que receberam aulas práticas e teóricas na horta. “A conclusão desse trabalho é que a horta inserida no ambiente escolar pode ser um laboratório vivo e despertar o interesse dos alunos, que atuam como multiplicadores ao levar o conhecimento para casa”, disse Virgínia.

Durante a RAIC, houve exposição também de trabalhos de divulgação da ciência, como a exposição Sementecas, organizada pelo professor Thiago Breier, do curso de Engenharia Florestal em parceria com alunos dos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal. Segundo o professor, o projeto que trouxe mostruários de sementes, “é uma maneira de popularizar a ciência e fazer a extensão do conhecimento científico”. A exposição foi feita em conjunto com o Instituto de Agronomia, representado pela professora Claudia Rosseto. ■

(*) Com a colaboração de Matheus Brito e Isabela Araújo Borges

Certificações Self-Audit na UFRRJ

Divulgação



A UFRRJ obteve as certificações ISO 9001 em oito de suas instalações: Coordenação de Logística Sustentável; Curso de Pós-Graduação em Agronomia Ciência do Solo; Gabinete da Reitoria; Laboratório de Farmacométrie (LQEPV); Laboratório de Gênese e Classificação do Solo (LGCS) do Instituto de Agronomia; Seção de Arquivo e Protocolo Geral (SAPG); Setor de Grandes Culturas do Departamento de Fitotecnia do Instituto de Agronomia.

A entrega das certificações aconteceu no dia 19 de setembro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a presença do reitor da UFRRJ Ricardo Berbara (na foto, à esq.) e do engenheiro Sérgio Vieira (centro), assessor de Sustentabilidade e Meio Ambiente junto à Reitoria e coordenador dos Programas de Logística Sustentável da Universidade Rural. “Nossa meta até 2020 é estabelecer os padrões de qualidade em todas as instalações da UFRRJ, tornando a Universidade referência em Sistema de Gestão da Qualidade, Ambiental e Segurança, além de implementar a A3P e obter o Selo Verde”, afirma Vieira.

Desmonte da indústria nacional em debate

Aconteceu no dia 28 de setembro, no campus Seropédica, roda de conversa com o deputado federal Luiz Sérgio Nóbrega de Oliveira sobre o desmonte da indústria nacional. Com grande interação com o público presente, o deputado priorizou em sua fala o contexto e a conjuntura econômica mundial que antecederam ao *impeachment* e fez uma análise do momento econômico atual. Os desafios da sociedade brasileira para recuperação da democracia, da valorização dos direitos do trabalhador e do ensino público foram pontos abordados na conversa, que também contou com a presença do reitor Ricardo Berbara e de representantes da Administração Central.

Internacionalização em foco

CCS/UFRRJ



A professora Helena Pina, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, participa de várias atividades na UFRRJ como resultado do I Edital de Apoio à Internacionalização – 2017, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPPG). A visita da docente está relacionada ao projeto “Reestruturação Espacial e Desenvolvimento Regional: Um Estudo Comparativo entre a Região Norte de Portugal e o Estado do Rio de Janeiro”, gerido na UFRRJ pelo professor Leandro Dias de Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGCEO).

Foto: Helena Pina em reunião na Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin), com a presença de seu coordenador, José Luis Fernando Luque Alejos (à esq.), e dos professores do PPGCEO Leandro Oliveira (centro) e Andrews Lucena.

Ex-aluno da Rural empossado presidente da ABZ

Marinaldo Divino Ribeiro, aluno egresso do curso de Zootecnia da UFRRJ, foi empossado como presidente da Associação Brasileira de Zootecnistas (ABZ) para o triênio 2017-2020. A cerimônia de posse aconteceu no início de setembro, durante a 48ª edição do Fórum de Entidades de Zootecnistas, em Esteio, no Rio Grande do Sul.

Errata

Na matéria “Ocorrências Mapeadas”, publicada na página 6 do Rural Semanal 14/2017, faltou mencionar que os alunos envolvidos no projeto em questão são orientados pela professora Alessandra Carreiro Baptista, do Curso de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, do Departamento de Engenharia da UFRRJ.

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupoillo | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Norma Sueli Martins | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** Fernanda Barbosa, João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro, Miriam Braz e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, Carla Juliana Santos, Cleyton Santana, Isabela Araújo Borges, Matheus Brito e Wyllian Freitas | **Capa:** Alexandre Souza | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freemages || **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | **CEP:** 23897-000 | **Tel:** (21) 2682-2915 | **E-mail:** comunicacao@ufrj.br | **Portal:** www.ufrj.br | **Impressão:** Imprensa Universitária | **Tiragem:** 1.000

